

**uma pequena
Cosmologia
físico-poética
política e amorosa**

RALF RICKLI

2008

A física e astronomia falam hoje de dois impulsos principais no Universo:

... **o de expansão** (que, segundo a teoria predominante, teria vindo do *big bang*), pelo qual tudo tende a se separar e a se espalhar pelo universo – até quem sabe sumir de tão rarefeito na infinitude do infinito...

1

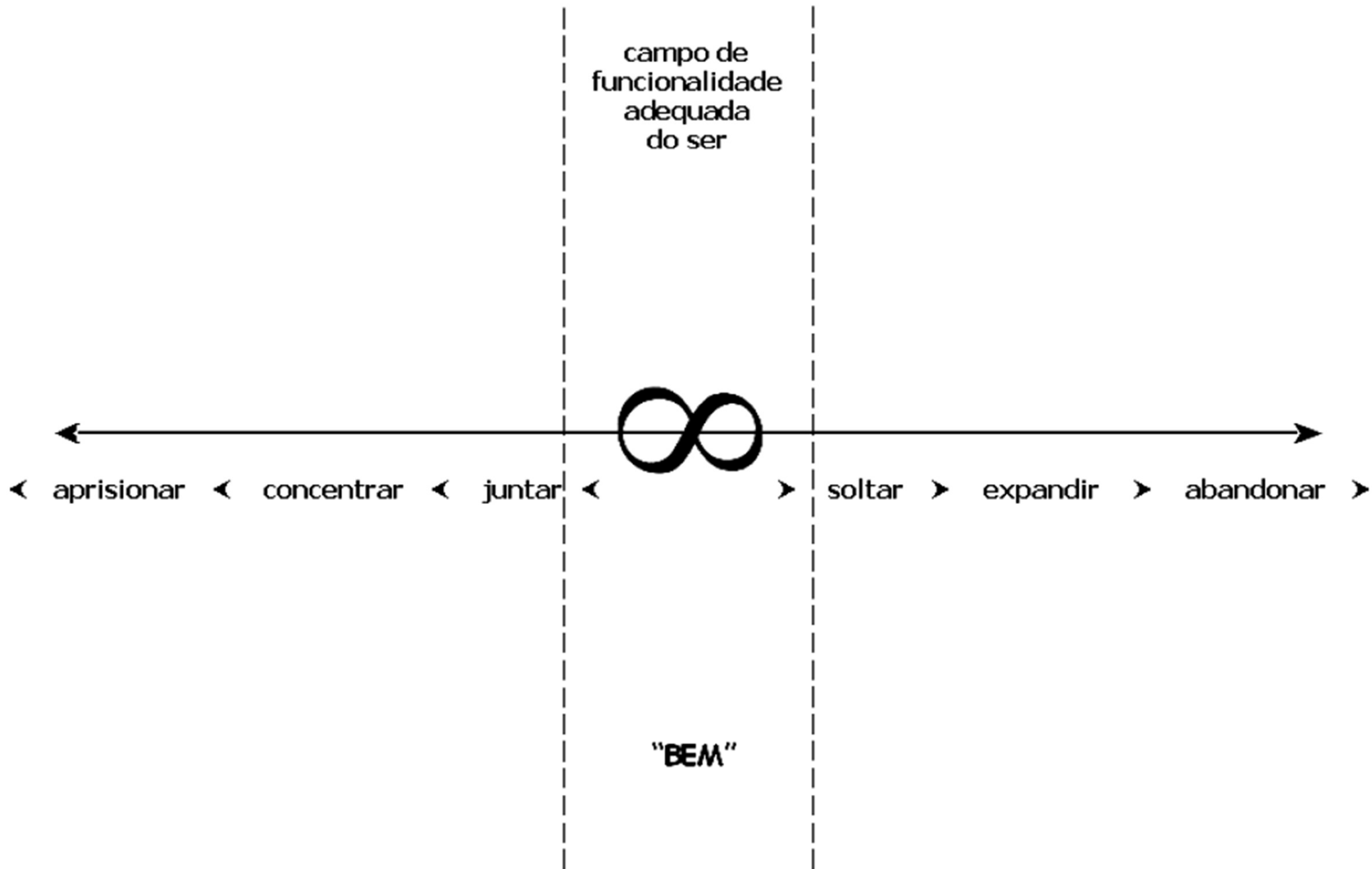
... **e o gravitacional**, pelo qual as coisas tendem a se unir... se apertar umas nas outras... até que fiquem tão apertadas que toda diferenciação seja esmagada, e tão presas umas nas outras que nem a luz escape mais desse lugar: o buraco negro, que, ao contrário do que o nome sugere, é um lugar de *excesso* e não de falta.

E no entanto existem galáxias, sóis, planetas, vida...

Um pouquinho mais de gravidade, e tudo se acabava numa união tão densa que nenhum ser teria chance de existir.

Um pouquinho mais de expansão e, tudo se afastaria tanto que só restaria um vazio...

E se expansão e gravidade estivessem equilibradas com exatidão?
... Então *não* teríamos um mundo equilibrado: teríamos **nada**.



Existir é gingar permanentemente entre duas possibilidades de desequilíbrio.

Existir é gingar permanentemente entre duas possibilidades de desequilíbrio.

Existimos enquanto dura a dança. Somos a dança.

Mas a dança só existe se houver dois impulsos opostos brincando de acabar um com o outro, e nunca acabando de fato.

Não estou falando "do Bem e do Mal". Nenhum deles é o Bem. De cada um deles sozinho, se pode dizer que é mau: um destrói a vida e a existência em vazio e abandono. A outro a sufoca em excesso de união e de substância.

E a união dos dois deixando de lado suas diferenças seria o suicídio universal.

Convívio de diferentes enquanto diferentes – sem se afastarem demais um do outro, sem se unirem ao ponto de anular as diferenças.

Convívio inclusive dessas duas possibilidades de Mal... pois a supressão de qualquer uma delas seria a entronização da outra como Mal.

**O Bem nunca está em uma parte nem na outra:
*o Bem está no convívio.***

E o amor?

3

O amor separa ou une?

O amor prende ou liberta?

Lá onde se sufocam as diferenças até tudo "se empedrar" e mergulhar em escuridão – pode-se aí falar de amor?

Lá onde tudo se perde no vazio, no frio e no abandono – pode-se aí falar de amor?

Os planetas não são corpos abandonados no vazio: têm um sol em torno do qual dançar, e em condições especiais até vemos um deles fecundado pela energia do sol, dando nascimento à vida...

Mas não se unem ao sol. Unir-se seria o fim de toda graça. Fim de jogo. Ir embora cada um pro seu lado também.

Entre o aprisionamento e o abandono irresponsável, entre a dependência excessiva do outro e uma independência unilateral sem coração...

lá talvez exista uma faixa em que o impulso de união e o de liberdade dançam juntos, sem se separar e sem se anular...

numa dança que é provavelmente o que mais merece o nome de **amor**.

Na China:

a existência como a dança perpétua do impulso yang e do impulso yin, os dois gestos do Tao (a realidade última além da nossa compreensão);

Na Índia:

o Universo como a dança que a divindade faz existir a cada instante com seus dois pés em movimento;

No cristianismo:

Deus é amor. Ou

"a condição pela qual tudo existe é Amor".

A cada momento cada um de nós é tentado a dominar.

Mas se de fato ama, não quererá ver o outro destituído da sua dignidade humana, dignidade que vem toda do poder de escolher por si. (A menos que esteja na verdade à procura de um animal de estimação).

A cada momento cada um de nós é tentado a abandonar.

Mas enquanto o amor está em nós, está também a responsabilidade voluntária pelo que se fez – marca de todo ser que cresceu e já não só recebe, mas se tornou capaz de gerar.

(Afim, o amor é ou não é capacidade de gerar?)

A cada momento uma *escolha*. Para lá do mero impulso espontâneo, animal, que vem e que passa, o amor é a cada instante *um ato de decisão*.

Não faz sentido falar de amor

a não ser quando se exerce a capacidade de escolha: *liberdade*.

Não se verdadeiramente cria senão por amor,
e não se verdadeiramente cria senão por decisão interna livre do nosso ser.

Sem liberdade fazem-se coisas. Mas não se *cria*.

5

Liberdade e amor são duas capacidades de uma coisa só: daquilo em nós que é capaz de criar.

Daquilo que é capaz de criar.

Daquilo que é capaz de criar, seja em nós, seja onde for.

Mas nada existe se não tiver primeiro se feito **dois**.

Dois que dançam um com o outro, sem voltar a ser um, e sem deixar de ser um: um *par*.

**Não existe existir sozinho:
só existe existir com.**

6

Com-viver.

Não existe apenas viver, sem "com";
todo viver depende de que também vivam outros, que vivem *com*.

Rede.

Não aceitar o *com* é investir em que a existência se extinga.

– E por que não? *Existir é tão difícil...*

Mas... será mais fácil o *desistir*?

Tentar desistir, como é?

Arrastar consigo um mundo moribundo, eras a fio...

com todas as partes em sofrimento...

só porque não queremos mais existir – mas, querendo ou não,
enquanto ainda existimos, existimos-com...

Mas por que, afinal, algo veio a existir?

Não, não me responda! Não será verdade, não importa o que você disser.

E se ficarmos esperando a resposta, não por isso vamos deixar de existir: vamos seguir existindo em sofrimento-com –

... por não estamos nos doando o suficiente pra que existir seja **dança**.

E, sendo dança, seja prazer.

Dança-com-e-prazer-com.

Aceitar existir, apesar de todas as dificuldades, talvez seja o princípio do fim das dificuldades.

Desde que se entenda que existir é existir-com.

7

Mesmo com todas as dificuldades,
conceder que algo exista
mediante aceitar o "com":
esse é o ato do amor.

E sem ele nada do que foi feito se fez. *

* Do Evangelho de João (1:2).

"Deus é amor" (Seção 3) se encontra em I João 4:16.

Este texto de 2008 foi concebido como capítulo final do opúsculo **Liberdade socialmente sustentável: uma introdução à Filosofia do Convívio e a algumas das suas aplicações**, disponível em www.tropis.org/biblioteca/libsocsus.pdf , onde se encontra com o título *O nível cosmológico: o convívio como constituinte da realidade*.

Com o presente título (*Uma pequena cosmologia físico-poética política & amorosa*) foi também publicado em blog como texto filosófico-poético independente, em <http://pluralf.blogspot.com/2008/02/uma-pequena-cosmologia-fsico-potica.html> .

Com o título *O fundamento último do pensamento convivial*, foi incluído ainda como Apêndice IV (final geral) na monografia de pós-graduação **Aos que podem salvar o mundo: a Filosofia e Pedagogia do Convívio e seu apelo por uma nova consciência & arte dos pais**, disponível na íntegra em <http://www.tropis.org/biblioteca/aosquepodemsalvaromundo.pdf> .

Em 13.04.2011 foi publicado na **Biblioteca Virtual Trópis** como separata em PDF, ganhando a presente formatação, com algumas revisões de texto, em 12.11.2014.

O endereço deste formato é

<http://www.tropis.org/biblioteca/cosmopoliticamor.pdf> .

Contato com o autor:

ralf.r@tropis.org